

Espaços Públicos Contemporâneos: Simbologias e Usos

Lígia Carolina Silva Moura
Silvana Rubino - Orientadora

Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Arquitetura contemporânea - espaço público - símbolo
PIBIC - CNPq (Projeto com bolsa até julho/09)

Introdução

“(…) em todos os assuntos, especialmente na arquitetura, há estes dois aspectos: a coisa significada e o que lhe dá significação. A coisa significada é o assunto do qual podemos estar falando; e o que lhe dá significação é uma demonstração de princípios científicos”. (VITRUVIO in NESBITT, 2006, p.153)

O presente trabalho visa compreender as relações possíveis entre a arquitetura e suas simbologias. Para atingir esse objetivo, foram adotados como referenciais alguns projetos de arquitetura contemporânea de arquitetos com produção teórica mais intensa, aos quais serão relacionados conceitos derivados da lingüística, ciência que discute com profundidade questões de significação.

Espaço público contemporâneo

Os edifícios públicos contemporâneos têm agregado cada vez mais funções, mesclando tecnologia – neste ponto não podemos mencionar somente o aspecto de vigilância eletrônica, mas ainda a tradução em espaços de convívio convidativos que se dão em última instância pela arquitetura de que são constituídos.

Os museus podem mesclar o contato com novas mídias, as bibliotecas integram bibliotecas digitais e sistemas de busca eletrônicos a documentos impressos, de forma a conter o espaço físico necessário e a aperfeiçoar a troca de informações.

Por outro lado, as construções não têm um valor que lhe é dado somente por seu aspecto físico ou por sua localização geográfica, mas também e ainda mais importante, por outros fatores como a apropriação do espaço por parte da população, a aquisição de valor simbólico que o eleva como um referencial, mesmo que isso não implique em um uso simultâneo de todas as pessoas.

Arquitetura + Linguística

As aplicações das áreas de lingüística em arquitetura não devem ser através de uma transferência mecânica, pois negaria as diferenças entre uma e outra, ignorando o aspecto criativo da arquitetura, por exemplo.

Porém, transferindo os termos lingüísticos para a arquitetura e aliando aí o que já se sabe a respeito de história e edificações, é possível que o significado não tenha relação direta com a funcionalidade do objeto arquitetônico. Isso porque suas funções independem de cultura, época, costumes, sendo estritamente relacionada com as necessidades as quais supre que são lazer, fornecer abrigo, entre outras, atuando como um filtro entre interior e exterior, permitindo ou bloqueando certas atividades.

Dessa forma, a significação parece se dar através de um conjunto de fatores analisados em cada um desses segmentos, como as sensações captadas através dos sentidos, a experiência individual, mas também relacionados a fatores culturais e associativos. De acordo com Saussure, as palavras só adquirem significado por causa do lugar que ocupam na linguagem. A palavra não tem nenhum significado inerente. “A associação entre som e representação é fruto de uma prática coletiva” (AGREST e GANDELSONAS in NESBITT, 2006, p.135). O que se relaciona diretamente com os fatores culturais a que a arquitetura é submetida. Afinal, as práticas em sociedade não são mais do que silenciosos acordos conscientes ou inconscientes do coletivo. No entanto, essa observação sobre o sentido não ser inerente ao objeto não é um consenso entre estudiosos da linguagem.

Considerações finais:

Através das leituras, pode se supor que a especificidade do lugar reflete-se também na arquitetura, positiva ou negativamente, aumentando ou reduzindo seu raio de ação e suas potencialidades. Uma das maneiras de explorar esse potencial é relacionar necessidades locais e arquitetura. Caso o projeto seja algo que a comunidade não precisa ou sua simbologia não faça parte de seu repertório, se tornaria somente um objeto sem sentido (em termos de cultura, costumes), e provavelmente sem grande uso.

Segundo o filósofo francês Jacques Derrida,

“o mundo é um tecido de traços que só tem existência autônoma como “coisas” que se referem ou se relacionam uns com os outros. Por isso, eles são “signos”, já que na qualidade de signos o seu “ser” sempre está em outro lugar (porque um signo é sempre o signo de alguma coisa que não ele mesmo; ele não pode referir-se a outra coisa (...)) Nenhuma entidade (...) tem uma existência singular (...) fora da rede de relações e forças em que está situada. A coisa em si sempre escapa” (MUGERAUER apud DERRIDA in NESBITT, 2006, p.203)

Para ele, o significado ou o sentido dependem de uma rede de referências impostas. Sendo assim, a linguagem e a arquitetura estariam sob o mesmo mecanismo onde são estabelecidos valores, da mesma forma com o que ocorre com a cultura. Essa afirmação é reforçada ainda por Robert Mugerauer, que afirma que “a arquitetura, como materialização da vontade e do significado, pode servir tanto para evitar o erro de imputar valores como para prescrever a si mesma o ambiente capaz de incrementar o nosso poder e satisfação.” (MUGERAUER in NESBITT, 2006, p. 201) E essa escolha entre qual papel estabelecer pode variar ao longo dos anos, assim como também ocorre com a linguagem. Os padrões mesmo que pré-estabelecidos podem variar de acordo com o tempo.

De acordo com Mugerauer, o desafio da arquitetura contemporânea é saber se seus edifícios “podem escapar ao domínio da realidade como convenção, tornando-se irrealidade e, em certo sentido, livres. Ou será que eles, à medida que incorporam novas convenções de discurso, inevitavelmente se curvarão às convenções dominantes imputando-se à condição de novas realidades?” (MUGERAUER in NESBITT, 2006, p. 201)

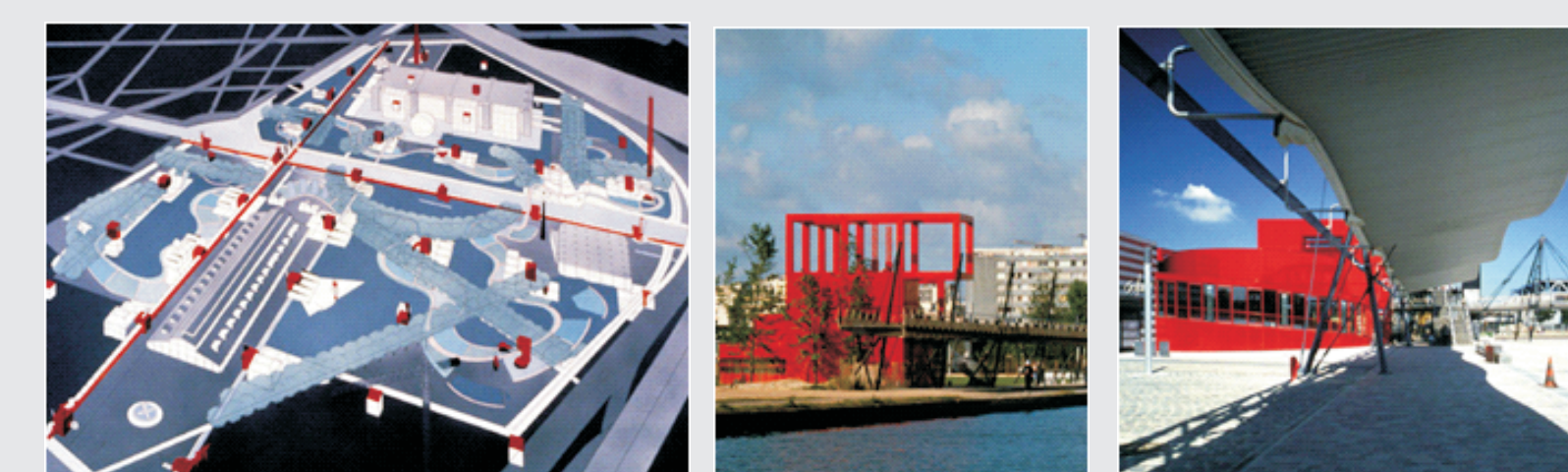
Arquitetos e obras escolhidas:

PETER EISENMAN - Projeto: Concert Hall de Bruxelas



Resultado de uma proposta elaborada em 1998-1999. Concorrente de um concurso em que não foi o vencedor, foi elogiado pela maneira que discutiu a urbanidade e as relações entre projeto/terreno/cidade. Proposição que teve como premissas proporcionar à cidade não somente um local para concertos, mas transformá-la em um centro de cultura, com um desenho urbano que deixasse claras as ligações entre as partes principais da cidade, respeitando sua história.

BERNARD TSCHUMI - Projeto: Parc de la Villette



O Parc de la Villette é o maior parque da cidade de Paris, é ainda a segunda maior área-verde e abriga construções públicas voltadas à Ciência e à Música. É construído a partir de um sistema de eixos e coordenadas, onde são distribuídas atividades (“folies”). A repetição da “folie” básica tem por objetivo criar um símbolo claro para o parque, uma idéia de reconhecimento marcante. A regularidade de caminhos e posicionamento torna a orientação simples para os não-familiarizados com a área.

REM KOOLHAAS - Projeto: Biblioteca de Seattle



Fonte: www.oma.eu

O projeto, de 2004, foi fruto de pesquisa em relação ao que o público utilizava em tais edifícios e em que porcentagem: leitura, acesso às mídias, espaços para aulas de informática, debates, com o conceito de que as bibliotecas não são apenas locais de livros e sim de informação de forma geral.

ZAHA HADID - Projeto: Centro de Artes Contemporâneas



Fonte: http://www.zaha-hadid.com/

O projeto, de 1997, localizado em uma esquina de Cincinnati, tem seu volume criado a partir dos espaços internos, que se diferenciam criando espaços para exposições temporárias. O térreo é todo envidraçado, e a calçada é levada para dentro do projeto, terminando em uma curva que se transforma na parede do fundo da construção. É um volume com saliências quase todo de concreto e compõe uma arquitetura que parece misturar-se ao tecido urbano.

RENZO PIANO - Projeto: Potsdamer Platz



Fonte: http://www.potsdamerplatz.de

O projeto foi realizado em um dos locais mais emblemáticos de Berlin, dividido em dois pelo muro que separou leste e oeste da cidade. Dessa forma, foi também um dos principais locais de reconstrução com a unificação da capital alemã após a queda do muro. Se de um lado deveria responder importância histórica de seu sítio, por outro deveria atender aos empreendedores do projeto, multinacionais como Sony Corporation, DaimlerBenz e Brown Boverly.